

Impasse civilizacional

Por Laís Modelli*

Íntegra da entrevista do professor Paulo Teixeira Iumatti, da Universidade Sorbonne Nouvelle-Paris 3, à jornalista Laís Modelli sobre seu livro *História, Dialética e Diálogo com as Ciências: a gênese de Formação do Brasil Contemporâneo, de Caio Prado Jr. (1933-1942)*¹ – que esteve entre os finalistas do Prêmio Jabuti de 2019, na categoria Ciências Humanas.

Laís Modelli: Quando começou seu interesse pela obra de Caio Prado Jr. e quando começaram, de fato, suas pesquisas sobre o intelectual?

Paulo Iumatti: Meu interesse começou quando fiz Economia na Unicamp, em 1989, curso que não concluí. Foi quando li pela primeira vez o capítulo “Sentido da Colonização”, de *Formação do Brasil Contemporâneo*. Caio Prado me chamou muito a atenção pelo estilo ensaístico e abrangente, quase existencial, diferente do resto da bibliografia dos cursos de Economia. Logo depois, ingressei no curso de História na USP. No primeiro ano, fiz uma disciplina de História Colonial I com a profa. Ilana Blaj, que colocava Caio Prado no centro dos debates historiográficos então mais recentes sobre a colônia. Foi aí que li *Formação do Bra-*

* Mestranda em Comunicação Midiática – Cultura e feminismo, desenvolve a pesquisa “Feminismo na Era das Redes Sociais”. Jornalista independente, é reporter da revista Cult e colaboradora da revista Caros Amigos.

¹ Paulo Teixeira Iumatti, *História, Dialética e Diálogo com as Ciências: a gênese de Formação do Brasil Contemporâneo, de Caio Prado Jr. (1933-1942)*, São Paulo, Intermeios, 2018, 538 p.

sil Contemporâneo inteiro e decidi desenvolver uma pesquisa sobre Caio Prado. A profa. Ilana me apresentou para a profa. Maria Odila da Silva Dias, que me orientou a partir de então. Tive bolsa de iniciação científica da FAPESP ao longo do ano de 1993.

Em linhas gerais, quem era e como era o jovem Caio Prado no período em que formulou e escreveu *Formação do Brasil Contemporâneo*?

Era um jovem intelectualmente muito inquieto e independente, que, para conhecer o Brasil e transformá-lo social e politicamente, decidi mergulhar a fundo nas disciplinas acadêmicas da época, sem abandonar o prisma da totalidade e a primazia que dava à militância política. Esse jovem possuía uma audácia e uma capacidade intelectuais enormes, querendo realizar um projeto ambicioso, mas sabendo, ao mesmo tempo, que tinha muito a aprender. Além disso, era um jovem que já havia adquirido certa vivência do debate público, com a publicação de *Evolução Política do Brasil*, em 1933, e de *URSS, Um Novo Mundo*, em 1934. Este último livro me parece ter sido um marco, no sentido de Caio Prado ter passado a perceber nele, cada vez mais, suas próprias limitações teórico-metodológicas, uma espécie de horizonte a partir do qual ele precisava evoluir. Ao longo dos anos 30, Caio Prado procurou aprimorar seus instrumentos de conhecimento, e particularmente a dialética. Lançou-se, então, de corpo e alma em projetos de vanguarda, como o da Associação dos Geógrafos Brasileiros, no plano acadêmico, e o da Aliança Nacional Libertadora, no plano político, dentre várias outras experiências, intelectuais e existenciais. O aprofundamento cada vez maior dessas experiências tem seu ápice na publicação de *Formação do Brasil Contemporâneo*.

O que de inédito o leitor poderá encontrar sobre vida e obra de Caio Prado em seu livro?

Em primeiro lugar, a forma de abordagem: faço uma história intelectual centrada na leitura interna da obra publicada e não publicada de Caio Prado. Esta última se compõe de anotações, fichas de leitura, marginalia dos livros, relatos de viagem, livros inacabados, etc. Analiso a maior parte desses documentos pela primeira vez, de forma sistemática. As obras publicadas e não publicadas se articulam de forma estratégica no caso de Caio Prado. Sua análise em conjunto ilumina toda a trajetória de pesquisa e de elaboração teórica que culminará em *Formação do Brasil Contemporâneo*, explicando as suas características principais, interlocu-

ções e debates. Há um detalhe que tornou tal procedimento particularmente fecundo no caso da minha pesquisa: Caio Prado registrava tudo. Certamente há silêncios em seu acervo, pertencente ao Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo, e isso deve ser investigado. Não há, na biblioteca de Caio Prado, por exemplo, seu exemplar da primeira edição de *Casa-Grande & Senzala*, de Gilberto Freyre, e que provavelmente deve conter ou ter contido marginalia e anotações importantes para o tipo de estudo a que me propus. Por outro lado, há uma enormidade de registros preciosos, bastante raros se pensamos na documentação de arquivos pessoais a que em geral temos acesso no Brasil. Assim, por exemplo, Caio Prado não só anotava grande parte dos livros que lia de sua biblioteca, mas ainda registrava as datas de suas leituras e releituras, por vezes registrando suas impressões. De forma que os livros da sua coleção pessoal nos dão uma espécie de mapa das muitas ramificações de seu percurso intelectual, mapa que pode ser desdobrado, por sua vez, no cotejo com outros registros, como os de seus cadernos manuscritos, fichas de leitura, textos publicados, etc. Cruzando esses dados e análises, consegui, na medida do possível, avaliar o peso relativo das suas leituras e interlocuções, e me aproximar da resolução de algumas charadas, como aquelas relativas às leituras marxistas e não marxistas do intelectual. Quais livros de Marx e Engels Caio Prado leu? Quais os de Lenin? Quando isso ocorreu? Que passagens foram destacadas? Procurei fazer isso também com suas leituras em ciências sociais, geografia, história, epistemologia das ciências e filosofia, ao longo de 1930 até a publicação de *Formação do Brasil Contemporâneo*.

Com uma documentação tão rica, consegui fazer ainda uma história intelectual atenta às redes em que Caio Prado estava inserido, de uma forma bastante concreta e detalhada. Assim, tive condições de não apenas dizer que Caio Prado teve contato com a Missão Francesa na recém fundada USP, por exemplo, mas de estabelecer com mais precisão com quem, com que intensidade e qual o impacto desse contato para ele, em sua obra. Estudei, em particular, os casos de Braudel e Deffontaines. Da mesma forma, fui atrás de suas leituras e diálogos na Europa entre 1937 e 1939, das anotações dos cursos que ele seguiu com Georges Lefebvre e Maurice Halbwachs, etc. Tudo isso, é claro, sem descuidar da leitura do próprio livro *Formação do Brasil Contemporâneo*, que abordei sob uma pluralidade de enfoques, indo desde uma análise linguística à interpretação do modo como nele se organiza o tempo.

O historiador se tornou pai em 32, viajou à União Soviética em 33, foi censurado por Vargas em 34, esteve preso entre 35 e 37, etc. O leitor encontrará neste livro relatos da prisão e relatos das viagens feitas por Caio nesse momento? Qual a importância dessas experiências vividas para se entender a concepção de *Formação do Brasil Contemporâneo*?

Sim, o leitor encontrará uma análise detalhada e sistemática de todos os principais escritos e relatos de Caio Prado, manuscritos ou não. A importância dessas experiências para a compreensão de *Formação do Brasil Contemporâneo* é enorme. Acredito que há 3 vertentes de pesquisa desenvolvidas por Caio Prado entre os anos 30 e 40, e que resultam nessa obra, para além da análise propriamente documental. Uma delas é composta pelas leituras de obras teóricas, que podem ser mapeadas em sua biblioteca e em seu arquivo pessoal, os quais constituíram seu laboratório de pesquisa e reflexão. Uma segunda vertente é a da atuação política: Caio Prado, como intelectual marxista, partia da indissociabilidade entre teoria e práxis. Nesse sentido, é preciso acompanhar sua atuação política e relação com o PCB para compreender algumas de suas guinadas de pensamento principais. Uma terceira vertente são as experiências de viagem e da vida social, de forma geral. No que se refere às viagens, Caio Prado as via como um poderoso instrumento de conhecimento, que procurou aprimorar em seus estudos geográficos e antropológicos. A partir delas, fez reflexões teóricas, a partir de registros de cunho sobretudo etnográfico: os relatos de suas viagens à Holanda (1938), à Suécia (1938) e a Minas Gerais (1940, 1941), por exemplo. Mostro no livro que a viagem à Suécia, em 1938, foi particularmente impactante, documentando uma guinada pragmática e iconoclasta em seu pensamento, que passa a dar menos importância a algumas formulações dos clássicos do marxismo, sem abandoná-los totalmente, e aprofundando a sua crítica ao determinismo, por exemplo, em diálogo com suas leituras em epistemologia da ciência. Ao mesmo tempo, Caio Prado adquiriu uma consciência mais aguda da historicidade do socialismo, que passou a encarar como uma “religião” – ideia que elaborou em outro de seus textos manuscritos inéditos, que analiso no livro.

Em *História, Dialética e Diálogo com as Ciências*, podemos afirmar que há uma defesa de que não é possível analisar obra de Caio Prado sem entender vida e o contexto da época em que viveu?

Em meu livro, defendo que podemos adquirir uma compreensão mais ampla e profunda de *Formação do Brasil Contemporâneo* se o lemos à luz do contexto intelectual e político de Caio Prado, particularmente de seu percurso de elaboração teórica, pesquisas e diálogos entre os anos 1930 e 1940. Quando falamos do contexto específico dos anos 1930 até 1942, é preciso destacar a ascensão das Frentes Populares e, depois, do esforço comum de todas as vertentes de esquerda e de outros setores democráticos em combater o nazismo e o fascismo. Nesse ambiente, Caio Prado teve um diálogo intenso com ideias e intelectuais de diversas correntes, permitindo-se mais liberdade para experimentar e desenvolver a dialética, além de ter estado mais próximo do ambiente universitário. O contexto mudaria radicalmente no pós-Segunda Guerra, e considero um erro apontar um desenvolvimento linear entre o intelectual dos anos 1930 e o teórico dos anos 1950 e 1960, por exemplo. Acredito, aliás, haver ainda diversos Caios Prados a serem descobertos pela pesquisa.

Como o pensamento de Caio, em especial em *Formação do Brasil Contemporâneo*, nos ajuda a interpretar o atual momento político do país?

Uma das coisas que mais me chamaram a atenção ao longo de minha pesquisa foi a obsessão de Caio Prado com a questão da cultura nos anos 1930. Isso é particularmente chocante se levamos em consideração que ele é um desses intelectuais que jamais conseguiram superar a noção de que as culturas de herança europeia eram em alguma medida “superiores” às indígenas ou africanas. Essa é certamente a parte mais rejeitada da obra de Caio Prado hoje, ao menos em meio aos movimentos sociais mais avançados, como os dos negros, indígenas e mulheres, e com razão. Análise, no livro, em detalhes, essas limitações e impasses, que envolveram uma assimilação apenas parcial do relativismo, presentes em todo o percurso do intelectual, inclusive em *Formação do Brasil Contemporâneo*. No entanto, a persistência do racismo cultural em Caio Prado tem nos impedido de olhar com mais atenção para essa sua vertente de pensamento sobre a cultura. Estudando a obra publicada e vários manuscritos redigidos pelo intelectual entre 1930 e 1942, vê-se claramente que toda a atenção, em *Formação do Brasil Contemporâneo*, à vida material e econômica, bem como às formas e técnicas de produção e às relações de trabalho deve ser lida como parte de uma concepção mais ampla da vida social como fenômeno de cultura, largamente influenciada pela

etnologia difusionista, e para muito além das passagens em que Caio se referiu de forma mais aparente e explícita ao assunto. E, nesse sentido, dentre outros desdobramentos, a ideia central do livro, a do “Sentido da Colonização”, ganha uma força completamente inusitada. Seguindo esse caminho, procuro avançar uma leitura do “Sentido da Colonização” não como apenas uma interpretação da nossa formação econômica e social problemática, marcada pela exploração predatória, alicerçada na grande propriedade monocultora e escravista, voltada para o mercado externo, mas também como determinante global de um complexo de dispositivos materiais e imateriais que ainda nos cercam e atravessam de todos os lados, e que de certa forma moldam e reproduzem, de forma profunda, um conjunto disperso de atitudes e uma mentalidade que impedem nossa afirmação como indivíduos livres e como nação. Essa leitura aponta para a necessidade de refletirmos mais, e com mais cuidado, sobre a força gigantesca dos nexos de subordinação que entravam o nosso destino como coletividade, e também, paradoxalmente (se pensamos no racismo cultural de Caio Prado), para a urgência em olharmos e valorizarmos aquilo que está à margem das culturas atualmente hegemônicas, em particular, os legados dos povos indígenas e afrodescendentes. Proponho, assim, no livro, que leiamos o “Sentido da Colonização” como impasse civilizacional. A meu ver, tal impasse ajuda a explicar a enorme força, no quadro político atual, das práticas e discursos em favor da exploração predatória da natureza e da destruição dos direitos sociais, bem como do ataque aos direitos humanos, do individualismo narcisista e hipócrita e do desprezo por tudo aquilo que é nacional ou que siga uma lógica não relacionada aos centros hegemônicos do capitalismo.